

Estudo histórico do modo imperativo nas Cantigas de Santa Maria¹

Gisela Sequini FAVARO²

Resumo: Este trabalho tem como objetivos principais o mapeamento e a análise das formas verbais imperativas no Português Arcaico (PA). A metodologia para o desenvolvimento deste projeto é constituída pela coleta e análise dos dados nas Cantigas de Santa Maria. A relevância desta pesquisa reside, principalmente, em analisar a estruturação morfológica do imperativo, ainda não estudada no que se refere à constituição verbal da época medieval. Através deste trabalho pretendemos mostrar se o imperativo no PA já funcionava como modo independente ou não, ajudando, desta maneira, a compreender um pouco mais da história do idioma, colaborando para a elucidação de alguns fatos importantes do passado linguístico do português que podem contribuir para esclarecer fatos da sua estrutura atual.

Palavras-chave: Imperativo; Cantigas de Santa Maria; Português Arcaico.

Abstract: This research aims at mapping and analyzing the imperative verbal forms in Archaic Portuguese (AP). The corpus will be composed by Cantigas de Santa Maria. The relevance of this research consists in analyzing the morphological structure of imperative verbal forms, that has not been studied yet regarding the verbal formation in Archaic Portuguese. The main goal is to show whether the imperative morphological structure in AP already worked as an independent mood or not, as well as helping to understand the history of the language, in the sense of elucidating some important facts of the linguistic past of Portuguese that can help to understand facts of its contemporary structure.

Keywords: Imperative; Cantigas de Santa Maria; Archaic Portuguese.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal desenvolver o estudo das formas verbais imperativas referentes à primeira fase do período arcaico (de agora em diante, PA), levando em consideração para sua classificação o contexto em que estão conjugadas em PA.

O *corpus* de base é constituído pelas 420 Cantigas de Santa Maria (CSM), elaboradas em galego-português e atribuídas a Dom Afonso X de Castela (1221-1284), o Sábio, com a colaboração de trovadores, músicos, desenhistas e miniaturistas que acolhia em sua corte. Correspondem a um monumento literário de mais elaborada importância, que ocupa um lugar privilegiado na literatura medieval galego-portuguesa.

1 Trabalho apresentado em seção de comunicação no VIII Congresso Internacional da Abralín, realizado na cidade de Natal (RN) no ano de 2013.

2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação de Língua Portuguesa e Linguística na Unesp de Araraquara. Bolsista Capes. Araraquara - SP. Correio eletrônico: giselasfavar@gmail.com.

A relevância desta pesquisa reside em seu ineditismo. Apesar de existirem diversos estudos sobre o período arcaico (cf. COUTINHO, 1958; SILVA NETO, 1952; SAID ALI, 1964; MATTOS E SILVA, 1989, 2001; MAIA, 1997 [1986]), não encontramos trabalhos que envolvam as mudanças morfológicas do imperativo no que se refere à constituição verbal da época medieval, na medida em que o que temos são apenas alguns comentários breves sobre a conjugação das formas verbais naquele período. Assim, estudando a formação das conjugações verbais da língua portuguesa em seu estágio "inicial" (ou melhor, no estágio temporal em que primeiramente começa a ser referida com este nome), poderemos contribuir para a observação de mudanças linguísticas que ocorreram na constituição do sistema verbal ao longo dos anos.

Corpus

O corpus para a realização deste trabalho é constituído pelas Cantigas de Santa Maria (CSM). De acordo com Ferreira³ (1994, p. 58), as CSM são uma coleção de mais de quatrocentas cantigas dedicadas à Virgem Maria, escritas por Afonso X, rei de Castela e Leão, que sobrevivem em quatro manuscritos medievais.

Segundo Parkinson (1998, p. 179), as CSM constituem um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância e sua escolha como objeto de estudo se dá devido à grande riqueza lexical que apresentam.

O'Callaghan⁴ (1998, p. 2) também ressalta a importância das CSM ao afirmar que os poemas foram escritos na antiga linguagem medieval da Galícia e de Portugal, como meio de expressão preferido pelos poetas líricos daqueles tempos.

Ainda sobre a relevância das CSM, Pena⁵ (1992, p. 49) afirma que as cantigas, acompanhadas das correspondentes notações musicais, e, também, alguns códices de um amplo número de miniaturas, representam um legado de uma importância extraordinária, desde os

3 Cf. "[...] the collection of more than four hundred songs dedicated to the Virgin Mary by Alfonso X, the King of Castile and Léon, survives in four medieval manuscripts." (FERREIRA, 1994, p. 58).

4 Cf. "[...] the poems were written in the language old medieval Galicia and Portugal, the medium of expression. Preferred by the lyric poets of that days." (O' CALLAGHAN, 1998, p. 2).

5 Cf. "[...] as cantigas, acompanhadas das correspondentes notaci3es musicais e tam3n, nalg3n dos c3dices dun amplo n3mero de miniaturas, representam un legado dunha import3ncia extraoedinarria desde os apartados literatio, pictorio e musical" (PENA, 1992, p. 49).

aspectos literários, imagéticos e musical.

Além disso, Mettmann⁶ (1986, p. 8) comprova a relevância desse *corpus* para o estudo do período medieval:

Por elas terem alcançado um equilíbrio perfeito entre texto, melodias e pintura, as Cantigas de Santa Maria ocupam um lugar privilegiado na literatura medieval e, sem dúvida, para seu régio 'autor', a conquista de territórios e arte de pintar, não eram menos importante do que o "contar", "trovar" e "rimar". Além disso, é necessário enfatizar que em termos de espiritualidade, as cantigas correspondem a um monumento literário mais destacado do culto mariano em toda a Península Ibérica, de interesse para a história da métrica e, finalmente, destaca-se sua importância como uma das fontes mais ricas do galego-português antigo.

Sobre o espaço em que foram produzidas as CSM, Leão (2002, p. 1) afirma que foi em um ambiente de efervescência cultural que nasceram os textos poéticos. De acordo com Parkinson (1998, p.179), a intenção dessa coletânea sempre foi a de louvar a Virgem e aumentar a devoção a ela. Por este motivo, todas as cantigas são na verdade de louvor e exaltam a Mãe de Deus.

Filgueira Valverde (1985, p. 49) ressalta que diversos milagres marianos foram recolhidos de igrejas e santuários europeus, sobretudo franceses e ibéricos, e são de fonte confirmada e bem conhecida, mas muitos relatos ainda hoje são desconhecidos e provavelmente apenas orais. Ferreira (1994) também afirma que, do ponto de vista musical, as cantigas religiosas são especialmente notáveis entre a documentação remanescente de música medieval.

Ainda em relação ao local onde ocorriam as manifestações artísticas e culturais, Pena (1992, p. 23) ressalta que a poesia estritamente unida à música era, no período da Idade Média, um divertimento. O autor⁷ também declara que estamos diante de uma literatura oral que encontra a sua oficina de produção artística nos palácios reais.

Sobre a temática abordada nas CSM, Pena (1992, p. 52) também

6 Cf. "Por haberse logrado en ellas un perfecto equilibrio entre texto, melodias y pintura ocupan las Cantigas de Santa Maria un lugar privilegiado en la literatura medieval, y no cabe duda de que para su régio 'autor', el "fazer sões" y el "pintar" no eran de menor importancia que el "contar", "trobar" y "rimar". Huelga subtrayr el rango que en la historia de la espiritualidad les corresponde a las Cantigas como al monumento literario más destacado del culto mariano en la Península Ibérica, su interés para la historia de la métrica y, finalmente, su importancia como una de las fuentes más ricas del galaico-portugués antiguo" (METTMANN, 1986, p.179).

7 Cf. "[...] atopa o seu obradorio, a súa <<fábrica>> nos pazos reais" (PENA, 1992, p. 24).

estabelece uma classificação. De acordo com o autor, encontramos as seguintes situações representadas nas cantigas: a) tradicionais: relatam um milagre muito popular e de ampla cronologia; b) históricas: referem-se a situações e acontecimentos sociopolíticos mais precisos; c) fantásticas: fazem referência a situações imaginativas; d) íntimas: estabelecem uma relação muito pessoal entre o protagonista e a Virgem; e) familiares: relatam um milagre, uma situação especial que ocorre em um círculo próximo ao rei, à sua família e amigos.

Leão (2007, p. 101) também ressalta que as CSM são verdadeiros testemunhos da vida cotidiana na Península Ibérica durante a Idade Média. Esse fato tem sido reconhecido por inúmeros pesquisadores em diversos países da Europa e América.

Embasamento teórico

Principais Aspectos Teóricos

O conceito de morfema é muito importante quando se trata de análises morfofonológicas. Neste trabalho, para realizar a análise dos dados encontrados, tomamos como ponto de partida a fragmentação das formas verbais em unidades mínimas portadoras de significado.

Rocha (1999, p. 27) afirma que foi no afã de descrever as línguas que os estruturalistas chegaram ao conceito de morfema. Bloomfield (1984 [1933], p. 564) diz que o morfema é uma forma recorrente (com significado) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores. A esse respeito, Basílio (1974, p.80) ainda afirma que:

[...] dois passos são fundamentais no processo de identificação dos morfemas. No primeiro, o da segmentação, serão isoladas na cadeia da fala seqüências fônicas recorrentes mínimas que apresentam significado; no segundo, o da classificação, serão considerados membros do mesmo morfema os morfemes que apresentam distintividade fonético-semântica comum.

Para Rosa (2000, p. 48), cada morfema é um átomo de som e significado – isto é, um signo mínimo. De acordo com essa perspectiva, a morfologia é o estudo desses átomos e das combinações que podem ocorrer.

Ainda sobre a definição de morfemas, é importante ressaltar a existência do processo de cumulação. Para Rosa (2000, p.65), na

análise morfológica, espera-se que um elemento de significado deva corresponder a um elemento no nível da expressão e vice-versa. Porém, ao propor que um único morfe possa representar a vogal temática e a desinência para TMA (cf. verbo amar conjugado na segunda pessoa do singular: *am-* [raiz], *-a-* [VT+ind.pres] *+s* [2^{aps}]), quebra a afirmação inicial, uma vez que um único morfe representa duas posições distintas do padrão verbal, como pode ser observado em *amo* (1^a ps do presente do indicativo).

Outro conceito morfológico relevante para o desenvolvimento desta pesquisa é a distinção entre radical e tema. Segundo Monteiro (2002, p. 41), observando os vocábulos portugueses, é possível verificar que geralmente terminam por uma vogal, depois da qual costumam aparecer as desinências. Nas palavras *casamento*, *foguete* e *cadeira*, por exemplo, após as vogais (*o*, *e*, *a*), temos o morfema /s/ indicativo de plural. E, segundo o autor, para identificarmos o radical de uma palavra, basta retirarmos a vogal final e tudo que aparece depois dela. Nesse caso, os radicais das palavras mencionadas são: *casament-*, *foguet-*, *cadeir-*.

Porém, quando o radical apresenta a vogal final, que passa a ser denominada vogal temática, o radical fica conhecido como tema. Para Monteiro (2002, p. 41), o tema é um tipo de radical ou radical completo, pronto para receber os morfemas próprios das categorias gramaticais. O autor ainda propõe que a vogal temática, por ser átona, em contato com o sufixo iniciado por vogal, sofre o processo de elisão ou crase.

Já Rocha (1999, p. 102) define raiz como sendo um morfema comum a várias palavras de um mesmo grupo lexical, portador da significação básica desse grupo de palavras. Para o autor,

[...] em claro, clarear, aclarar, esclarecer, esclarecimento e clarividência, a raiz é *clar-*. Em *livro*, *livrinho*, *livreiro*, *livraria* e *livresco*, a raiz é *livr-*. Em *tom*, *tonal*, *tonicidade*, *entoar*, *desentoar*, *toado* e *desentoadamente*, a raiz é *tom*, com a variante *to-* (ROCHA, 1999, p. 102).

Kehdi (2003, p.27) apresenta uma opinião contrária a de Rocha (1999) e propõe que o radical corresponda ao elemento irreduzível e comum às palavras da mesma família. De acordo com o autor, devemos evitar a designação de raiz, vinculada à perspectiva diacrônica, para se

referir ao radical.

Ainda a respeito da definição de radical, Cagliari (2002, p. 51) declara que é uma unidade formada pela raiz e pelos afixos. As desinências são deixadas de lado. De acordo com o autor, a partir de uma forma de base ou raiz lexical, podemos ter radicais criados pela adjunção sucessiva de morfemas (cf. *mar* > *mares* > *marinha* > *marinheiro* > *submarino*, etc).

Os conceitos de morfema, raiz e radical são muito relevantes para o desenvolvimento das análises dos dados, pois, para compreender o funcionamento das formas verbais conjugadas no modo imperativo e verificar se estávamos diante de formas variantes ou não, foi necessário realizar primeiro uma divisão morfológica dos dados.

Revisão da Literatura sobre o Modo Imperativo

As Gramáticas Tradicionais do português postulam que o imperativo possui formas próprias somente para a segunda pessoa do singular e segunda pessoa do plural. As demais pessoas são extraídas do presente do subjuntivo. O imperativo negativo não apresenta uma formação própria, sendo integralmente suprido pelo presente do subjuntivo, anteposta às formas verbais uma partícula de negação, sendo na maioria das vezes a partícula NÃO.

Porém, Cunha (1970, p.263) afirma que o imperativo afirmativo só possui formas próprias relativas à segunda pessoa, sendo *tu* para o singular e *vós* para o plural, derivadas do presente do indicativo.

Vendo a formação a partir de uma perspectiva histórica, verificamos que o uso do imperativo já era motivo de discussão desde o latim no que diz respeito à sua formação. Lendo a *Gramática superior da Língua Latina* de Faria (1958), constatamos que o imperativo, na língua indo-europeia, era utilizado somente para exprimir uma ordem ou um pedido e não uma proibição. Segundo o autor, não havia o imperativo negativo na origem do latim.

Câmara Jr. (1976 [1970]) afirma que, desde o latim, o subjuntivo já estava associado ao modo imperativo para expressar as ordens e as proibições. Segundo o autor, eram as formas subjuntivas que supriam as pessoas que faltavam ao imperativo afirmativo. Já no imperativo negativo, utilizado nas proibições, todas as pessoas eram formadas,

obrigatoriamente, do presente do subjuntivo.

O mesmo mecanismo de formação das construções verbais imperativas permaneceu no português, segundo Câmara Jr, (1975[1970]). O autor ainda diz, entretanto, que houve uma simplificação do sistema na passagem do latim para o português. No latim distinguia-se um imperativo presente para ordens imediatas e um imperativo futuro para o que deveria ser cumprido. Hoje, no sistema do português, só temos o imperativo presente e as formas do imperativo futuro foram eliminadas.

Outro aspecto interessante abordado por Câmara Jr. (1975 [1970]) é que desde o latim já existia certa fluidez entre a concepção de imperativo e a de subjuntivo como expressão de desejo. De acordo com o autor, "o uso deste por aquele era uma maneira delicada de dar uma ordem, não só no latim vulgar propriamente dito, mas ainda na linguagem culta e coloquial" (CÂMARA JR, 1976, p.136).

Câmara Jr. (1976 [1970]) ainda afirma que o português do Brasil apresenta uma forte tendência de substituir o imperativo pelo indicativo presente, e o mesmo se observa nas proibições, em que também são substituídas as formas do subjuntivo.

Sobre a fluidez do uso e da formação das formas imperativas, Faraco (1982) fez em sua tese de doutorado um estudo histórico relevante. Para o autor, as mudanças morfológicas do imperativo ocorrem em função das mudanças nas relações sociais, mais precisamente das mudanças que ocorrem na forma de tratamento ao longo dos anos.

De acordo com Faraco (1982), a heterogeneidade e as transformações na organização da sociedade se refletem na estrutura da língua e resultam na criação e difusão de pronomes de tratamento diferentes dos utilizados até os séculos XIV e XV. Até o século XIV, o português mantinha o mesmo sistema pronominal do latim. Devido a fatores históricos e econômicos, a Europa passou por mudanças de políticas e sociais. A burguesia começou a ganhar cada vez mais espaço e os reis passaram a centralizar todo o poder. Em função desta nova realidade, a língua teve que se adaptar e criar novas formas de tratamento entre as pessoas para determinar a classe social a que elas pertenciam.

Faraco (1982) afirma que, quando os portugueses vieram para o Brasil em meados do final do século XV, a língua trazida por eles foi a não culta, uma vez que os primeiros portugueses que pisaram em solo

brasileiro eram de classes não nobres e a forma como se tratavam era marcada pelo uso do tratamento *Vossa Mercê*.

A forma do pronome de tratamento *vós* entre estes colonizadores iniciou um processo de simplificação de *Vossa Mercê* até chegar ao *ocê*, o que resultou em uma mudança no sistema pronominal e verbal do português. Para Faraco (1982), em decorrência da mudança dos pronomes de 2ª pessoa, outras transformações foram ocorrendo para promover a estabilidade do sistema, como a reformulação de todo o sistema de conjugação verbal da língua. Segundo o autor, o sistema verbal do português ainda está em processo de mudança, em função do desaparecimento da 2ªpp (*vós*) e o uso do pronome *ocê* no lugar de *tu*.

Monteiro (2002) também afirma que o imperativo ocorre somente com a 2ª pessoa, seja ela do singular ou do plural, já que as ordens são dirigidas ao ouvinte, aquele com quem se fala. Outro aspecto interessante apontado por Monteiro (2002) é que as formas verbais do indicativo teriam, segundo ele, a função de expressar o imperativo. Para o autor, podemos utilizar uma forma verbal por outra, o que é bastante comum na língua portuguesa (cf. "*Não matarás*", conjugada no futuro do presente, e "*Direita, volver*", conjugada na forma nominal do infinitivo).

Perini (1996) declara que o imperativo possui um uso muito especializado, já que seus únicos valores são para exprimir ordem e pedido. Porém, assim como Monteiro (2002), o autor concorda que podemos usar orações indicativas para expressar ordem e pedidos (cf. *Faz um sanduíche para mim, por favor* e *Vem cá um momento*).

Vilela e Koch (2001) definem que o modo imperativo, objeto de estudo desta pesquisa, é considerado uma forma semi-conjugada, pelo fato de a maior parte das pessoas serem extraídas do subjuntivo. Segundo os autores, o valor do imperativo está pautado em qualquer situação comunicativa, uma vez que só pelo contexto saberíamos se está sendo usado para expressar imposição, conselho, etc.

Scherre (2002) afirma que, quando os enunciados são dirigidos a mais de uma pessoa, a preferência é sempre pelas formas subjuntivas e não imperativas. A respeito da forma variante, a autora diz que o seu uso não acarreta nenhum tipo de problema para o falante, e a variação no uso do imperativo não distingue grupos sociais. Não existe estigma

social associado ao uso do imperativo na forma indicativa ou na forma subjuntiva. As duas formas não são marcadas de prestígio e nem são usadas como estereótipos do suposto mal falar (SCHERRE, 2002, p.6).

Ainda contribuindo para os estudos do PB, Borges (2004) propõe que encontramos hoje duas formas usadas para expressar a ordem no PB relativas à segunda pessoa do singular. A primeira é considerada padrão por seguir as prescrições da Gramática Tradicional, oriunda do presente do subjuntivo (*CANTE*), e a segunda, considerada pela autora como forma variante, se confunde com a 2ª pessoa do singular (*você*) do presente do indicativo (*CANTA*). A partir da análise dos dados, Borges (2004) conclui que essa forma denominada de variante é, na realidade, a forma indicativa, relativa à segunda pessoa *você*, afirmando que o imperativo não existe mais na amostra do PB como modo independente.

Scherre (2004) afirma que a regra de formação das formas verbais imperativas estabelecidas pela tradição normativa serve para descrever a expressão do imperativo na língua falada, mas o que encontramos na língua falada são formas verbais que não seguem a regra de formação do imperativo postulada na GT. A autora (2004) argumenta que é possível observarmos em textos de jornais, revistas, cartazes, letreiros, etc., construções sintaticamente imperativas, mas com verbos na forma subjuntiva.

Borges (2004), em sua dissertação de mestrado, trabalhou com formas verbais imperativas em tiras de jornais de grande circulação. As conclusões da autora nos direcionam para a eficácia comunicativa das formas variantes, pois são bastante usadas em situações de diálogos, situações predominantes nas tiras analisadas por Borges (2004).

O argumento da autora para o uso das formas variantes, sobretudo a forma indicativa, é o fato de estarmos caminhando para certa obrigatoriedade do uso do sujeito no PB.

Outro estudo que trata sobre o uso das formas verbais imperativas no português brasileiro foi desenvolvido por Cardoso (2009). A autora focalizou a variação e a mudança evidenciada em dois grupos de falantes de regiões distintas do Brasil, a saber: Fortaleza e Distrito Federal.

Cardoso (2009) propõe que, considerando a tradição gramatical, temos que, em contexto que apresenta o pronome *você*, a norma prevê o uso de formas verbais subjuntivas, enquanto que o imperativo expresso na forma de

indicativo seria mais restrito para os contextos que aparecem o pronome *tu*.

Nos dados analisados pela autora, a capital cearense apresentou uma frequência de 40% de uso do imperativo associado ao indicativo enquanto que no Distrito Federal é possível encontrar um índice mais expressivo de 90%.

Para efetuar as análises dos dados coletados, Cardoso (2009) se baseou em informações sobre os traços culturais e identitários correlacionados aos fatores linguísticos para que se fosse possível ter uma visão “do conjunto de fatores que envolve o processo de variação e mudança linguística [...]” (CARDOSO, 2009, p. 149).

De acordo com Cardoso (2009, p. 151), cada indivíduo, motivado por fatores socioidentitários pode apresentar comportamento diferente considerando a velocidade da mudança. Sobre os aspectos linguísticos relacionados à variação do imperativo, a autora afirma que tal variação acontece em níveis diferentes e que os fatores linguísticos vão apresentar maior ou menor influência em função da região do falante.

Cardoso (2009) conclui que a percepção que o falante tem do uso das formas variáveis do imperativo podem ser motivadas por aspectos sociais que estão subjacentes às questões linguísticas.

Portanto, como pode ser visto, os trabalhos que tratam da mudança sofrida pelas formas verbais imperativas apresentam análises envolvendo dados mais recentes da língua. Mesmo nas gramáticas históricas, só é possível notar descrições da estrutura morfológica das formas verbais imperativas e em quais contextos elas eram aplicadas. Em nenhum momento temos uma análise mais detalhada envolvendo dados do estágio inicial da língua a fim de averiguar se a situação que encontramos hoje, em relação à dúvida quanto ao imperativo ser um modo independente ou não, já ocorria no PA.

Esse fato ressalta a importância desta pesquisa que vem contribuir para a compreensão da história do português, no sentido de que a retomada de fatos do passado linguístico da língua portuguesa pode trazer uma maior compreensão da estrutura do português atual.

Metodologia e análise dos dados

A coleta de dados no *corpus* deste estudo possibilitou o mapeamento de todas as formas verbais conjugadas no modo imperativo,

encontradas nas 420 cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria. Foram coletadas 161 formas verbais conjugadas no modo indicativo. Deste total, 41 ocorrências estão conjugadas na 2^ªpp e 120 na 2^ªps. Neste trabalho, apresentamos os resultados preliminares referentes à 2^ªpp.

Metodologia

A metodologia baseia-se no mapeamento das formas verbais do imperativo afirmativo e negativo nas CSM. Contamos também com glossários, vocabulários e dicionários como auxílio na categorização das formas verbais. Abaixo, como ilustração, apresentam-se exemplos dos procedimentos de mapeamento dos dados nesta pesquisa:

- (1) Log' enton Santa Maria | a seu Fill' o Salvador
Foi rogar que aquel frade | ouvesse por seu amor
Perdon. E diss' el: " farey-o | pois end' avedes sabor
mas torn' a alma no corpo, | e **compra** ssa profisson.
(CSM 14 , v.41-44)

- (2) A bõa dona se foi ben dali
a un' eigreja, per quant' aprendi,
de Santa Maria, e diss' assi:
"Sennor, **acorre** a tua coitada". (CSM 17, v.55-58)

- (3) Chorando dos ollos mui de oraçon,
lle diss': " Ai Sennor, **oe** mi oraçon [...]". (CSM 21, v.15-16)

Após a coleta dos dados, são analisadas as estruturas morfológicas das formas verbais imperativas encontradas, comparando-as com a estrutura morfológica das formas verbais do presente do indicativo e do subjuntivo mapeadas no *corpus* a fim de explicar se critérios, tais como ordem, presença ou ausência do sujeito e contextos relacionados a atos de fala (ordem ou pedido), podem ser utilizados para considerar uma forma imperativa ou não.

Apresentação e Análise dos Resultados

A coleta de dados no *corpus* possibilitou o mapeamento das formas verbais do modo imperativo nas 420 CSM para a realização das análises. Apresentaremos nesta seção os resultados obtidos referentes à segunda pessoa do plural.

Ressaltamos que todas as análises que foram realizadas são de ordem descritiva e que serviram como uma espécie de filtro na categorização das formas verbais mapeadas.

Foram mapeadas 41 formas verbais na segunda pessoal do plural conjugadas no imperativo gramatical⁸. Veja o quadro e a tabela abaixo:

Formas Verbais de 2 ^a pp conjugadas no imperativo gramatical	Ocorrências
Seede	2 ocorrências (5.29; 99.100)
Levade	3 ocorrências (5.142; 134.45; 255.99)
Creed' (Creede)	2 ocorrências (6.5; 16.40)
Ide	11 ocorrências (11.47; 24.40; 40.4; 64.57; 69.71; 75.123; 125.29; 131.89; 155.28; 175.63; 259.17)
Fazede	1 ocorrência (16.41)
Pedide	1 ocorrência (16.42)
Estade	2 ocorrências (45.44; 45.44)
Oviade	2 ocorrências (45.89; 45.89)
Põede	1 ocorrência (48.32)
Oyde	2 ocorrências (52.8; 197.29)
Dizede	3 ocorrências (5.76; 64.56; 245.50)
Soltade	1 ocorrência (65.183)
Entrade	1 ocorrência (75.90)
Assolve	1 ocorrência (75.100)
Leixad'	2 ocorrências (119.43; 178.28)
Dade	1 ocorrência (134.46)
Acordade	1 ocorrência (134.66)
Enforcade	1 ocorrência (175,38)
Calade	1 ocorrência (175.68)
Veede	1 ocorrência (306.33)
Uviade	1 ocorrência (354.81)
Total	41 ocorrências

Quadro 1: Formas Verbais Conjugadas no Imperativo Gramatical.

⁸ Denominamos *imperativo gramatical* as formas verbais que apresentam o padrão normativo de conjugação para a criação do modo imperativo, ou seja, as segundas pessoas (tanto do singular quanto do plural) são extraídas do presente do indicativo; as demais pessoas são retiradas do presente do subjuntivo.

Tabela 1: Formas Verbais Conjugadas no Imperativo Gramatical.

Formas Verbais 2^app	Ocorrências
Seede	2 (4,9%)
Levade	3 (7,3%)
Creed' (Creede)	2 (4,9%)
Ide	11 (26,8%)
Fazede	1 (2,4%)
Pedide	1 (2,4%)
Estade	2 (4,9%)
Oviade	2 (4,9%)
Põede	1 (2,4%)
Oyde	2 (4,9%)
Dizede	3 (7,3%)
Soltade	1 (2,4%)
Entrade	1 (2,4%)
Assolvede	1 (2,4%)
Leixad'	2 (4,9%)
Dade	1 (2,4%)
Acordade	1 (2,4%)
Enforcade	1 (2,4%)
Calade	1 (2,4%)
Veede	1(2,4%)
Uviade	1(2,4%)
Total	41 (100%)

Para constatar se essas formas estavam conjugadas no imperativo gramatical ou se eram formas variantes associadas ao presente do indicativo e ao presente do subjuntivo, foi realizada uma análise morfológica dos dados, comparando suas estruturas com formas conjugadas tanto no presente do indicativo quanto no presente do subjuntivo referente à 2^app.

Ao observar o quadro e a tabela acima podemos afirmar que nas CSM ocorre o uso de 100% da forma imperativa no que se refere à 2^app no *corpus* analisado. Não foi mapeada nenhuma forma variante conjugada na 2^app⁹.

Devido à grande ocorrência das formas verbais, escolhemos o verbo *criar* para demonstrar a representação morfológica das formas conjugadas em PA, mas o mesmo ocorre com outros verbos, tais como

9 Comparamos os dados coletados do corpus com formas verbais conjugadas no presente do indicativo e no presente do subjuntivo mantendo o mesmo verbo e a mesma pessoa. Para isto, baseamo-nos no glossário de Mettmann (1972).

enforçar, entrar, leixar (deixar) etc.

Confira abaixo a divisão e a comparação morfológica da ocorrência:

(4) Verbo Creer (PA) = *Crer*

- Imperativo Gramatical: *creede*

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

cre e ø -de

- Presente do Indicativo: *creedes*

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

cre e ø -des

- Presente do Subjuntivo: *creades*

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

cre a (e) ø -des

Nas CSM foram mapeadas duas ocorrências com o verbo *creer* conjugado na segunda pessoa do plural. Veja abaixo as estrofes com as ocorrências:

(5)

A que do bon rey Davi
de seu linnage decende,
nenbra-lle, **creed'** a mi,
de quen por ela mal prende. (CSM 6, v.3-6)

E poren lle disse: "Amigo, **creed'** a mi,
se esta dona vos queredes, fazed' assi:
a Santa Maria a pedide des aqui,
que é poderosa e vo-la poderá dar". (CSM 16, v.40-43)

Observando o contexto em que os dados foram utilizados, percebemos que o interlocutor em ambas as cantigas faz um apelo, ou seja, uma súplica. Outro aspecto que merece ser destacado é que a forma verbal *creede* passa por um processo de elisão, passando a ser

grafada como *creed*. Sobre esse assunto, Cangemi (2010) afirma que, para que ocorra a elisão, é necessário que a vogal final da primeira palavra seja /a/, /e/ ou /o/, e que os casos mais típicos de elisão no PA ocorrem quando a vogal átona da primeira palavra é /e/, como no caso de *creed'* = *crede* + *a* + *mi* = *creed' a mi*.

Ao analisarmos as estruturas morfológicas, podemos afirmar que *creede* não é uma forma variante, mas sim uma forma conjugada no imperativo. Nossa hipótese pode ser sustentada, pois Mettmann (1972) em seu glossário apresenta formas verbais distintas para o imperativo e para o presente do indicativo (cf. *creede*; *creedes*).

Williams (1973) também afirma que existem formas distintas para o imperativo e para o presente do indicativo do verbo *creer*. Segundo o autor, temos *creedes*, que veio do latim *crēdītis*, para as ocorrências do presente do indicativo e *crede*, do latim *credite*, para o imperativo.

Ao realizar a divisão morfológica dos dados notamos que as formas verbais mapeadas no *corpus* são quase idênticas às formas do presente do indicativo, contudo sem o -s final. Este tipo de fenômeno ocorre, pois, quando formamos o imperativo, a segunda pessoa, tanto do singular quanto do plural, coincide com as formas do presente do indicativo e isto já acontecia desde o latim, como propõem Ernout (1945) e Faria (1958).

Não foi mapeada qualquer ocorrência em que tivéssemos uma forma morfológica idêntica para representar o imperativo, o presente do indicativo e o presente do subjuntivo ao mesmo tempo. Ao compararmos a ocorrência com seu correspondente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, vemos que cada forma mantém uma estrutura morfológica específica. Se tivéssemos formas variantes, iríamos ter a mesma estrutura morfológica.

Levando em consideração o contexto em que os dados aparecem, há diversos elementos que nos permitem afirmar que não se trata de forma variante, mas sim de formas conjugadas no imperativo gramatical.

Dentre os elementos presentes podemos mencionar que muitas cantigas apresentam como personagens pessoas que pertencem à nobreza e mantêm entre si uma forma de tratamento mais polida. Outro aspecto que também merece ser ressaltado é que muitos dos

poemas apresentam a participação da Virgem Maria na execução dos milagres e, quando há um diálogo entre o interlocutor e a Virgem, notamos a presença de uma forma de tratamento formal, como nos exemplos abaixo:

(6)

[...] e disse a Virgen santa | ao crerigo: “ **Seede**,
e aquesta moller bõa | comungad’ e assolvede [...].
(CSM 75, v.99-100)

En esto chegou a Virgen Santa verdadeyra,
dizendo: “ **Leixad’** est’ ome, maos atrevudos”. (CSM 119, v.43-44)

[...] mais la Madre de Deus lle diss: “ **Acordade**,
ca ja são sodes desta gafidade”. (CSM 134, v.66-67)

Por fim, sobre o uso da segunda pessoa do plural, Maurer Jr. (1959) afirma que esta era pouco usada, chegando até a desaparecer e que em seu lugar eram usadas formas indicativas correspondentes. Por sua vez, Faria (1958) atesta que o imperativo presente era conjugado apenas nas segundas pessoas do singular e do plural e que as demais formas eram extraídas do presente do subjuntivo.

Conclusão

O resultado preliminar aqui realizado mostrou que ao observarmos as análises realizadas com as formas verbais conjugadas na 2ªpp, notamos que, em relação à 2ªpp (cf. *calade*, *enforcade*, *entrade*, *levade*, *soltade*, etc.), há uma predominância de formas verbais conjugadas no imperativo afirmativo e negativo, ou seja, há preservação da construção canônica postulada pelas gramáticas históricas e tradicionais quanto à formação do imperativo.

Ao realizar a divisão das formas conjugadas em morfemas, observamos que os verbos mapeados no *corpus* são quase idênticos às formas do presente do indicativo, contudo sem o –s final. Não foi mapeada qualquer forma morfológicamente idêntica para representar a 2ªpp do imperativo e do presente do indicativo ao mesmo tempo nas CSM.

Referências

- ALI, S.M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Brasília: UNB, 1964.
- BASILIO, M. **Segmentação e classificação dos morfes**. Cadernos da Puc-RJ, 15, 1974, p.79-87.
- BLOMFIELD, L. **Language**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984 [1933].
- BORGES, P. R. **Formas verbais imperativas em tiras de jornais paulistas**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras - Unesp/Araraquara, 2004.
- CAGLIARI, L. C. **Questões de Morfologia e Fonologia**. Campinas: Série Espiral Lingüística, 2002.
- CÂMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.
- CANGEMI, A.C.A.F.G. Estudos preliminares sobre os processos de sândi vocálico externo - destaque para a elisão no português arcaico ao português brasileiro atual. In: **Anais do IX Encontro do CELSUL**, Palhoça, SC, out. 2010. Universidade do Sul de SantaCatarina.
- CARDOSO, D.B.B. **Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade**. Tese de Doutorado, Brasília: Universidade de Brasília (UNB), 2009.
- CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora Bernardo Alvares S.A, 1970.
- COUTINHO, I. L. de. **Gramática Histórica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- FARACO, C.A. **The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion**. 1982. University of Salford, 1982. Tese de doutorado.
- FARIA, E. **Gramática superior da Língua Latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- FERREIRA, M. P. The Stemma of the Marian Cantigas: Philological and Musical Evidence. **Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria**, Cincinnati, n.6, p.58-98, 1994
- FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: **Alfonso X el Sabio. Cantigas de Santa María**. Códice Rico de El Escorial. Madrid: Castalia. pp. XI-LXIII, 1985.
- KEHDI, V. **Morfemas do Português**. São Paulo: Ática, 2003.
- LEÃO, Â. V. (2002) **Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X**. Ensaios – Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). Disponível em «<http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>». Acessado em «17 jan. 2005».

MAIA, C. **História do Galego-Português**. 2. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997.

MATTOS E SILVA, R. V. **Estruturas Trecentistas - elementos para uma gramática do Português Arcaico**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

_____. **O Português Arcaico: fonologia**. São Paulo: Contexto, 2001.

MAURER JUNIOR, T. H. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

METTMANN, W. Introducción. In: **ALFONSO X, EL SABIO. Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)**. Madrid: Castalia, 1986. p. 7-42.

_____. Glossário. In: **AFONSO X, O SÁBIO. Cantigas de Santa Maria**. Coimbra: Universidade, 1972.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

O'CALLAGHAN, J.F. **Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria: a poetic biography**. Leiden; Boston; Koln: Brill, 1998.

PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das cuestións textuais. In: **Anuario de estudos literarios galegos**. Vigo: 1998. p.179-205

PENA, X.R. **Literatura Galega Medieval**. Santiago de Compostela: Gotelo Blanco, 1992.

PERINI, M.A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 1996.

ROCHA, L. C. A. de. **Estruturas morfológicas do Português**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

ROSA, M.C. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SCHERRE, M.M.P. Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: Bagno, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Doa-se lindos filhotes de poodle. Variação Lingüística, Mídia e Preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SILVA NETO, S. da **História da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

VILELA, M.; Koch, I. V. **Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática de texto**. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

WILLIAMS, E. B. **Do Latim ao Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

Recebido em 22 de fevereiro de 2013.

Aceito em 06 de julho de 2013.